

Bordado de  
Cristiane Albernaz,  
Barra Mansa, RJ



# O que pode o encontro da música com a linha?

*Ô de Casas entre panos, fios  
e pontos foi inspirado em projeto  
musical da cantora Mônica Salmaso*

*por Paula Melech*

Quando iniciou o projeto Ô de Casas, Mônica Salmaso não imaginava de que forma ele ressoaria, transpondo, inclusive, o campo musical. A cantora, diante do impulso de fazer música na pandemia – mas restrita ao distanciamento social – começou despretensiosamente a realizar um encontro entre amigos. O resultado foram vídeos semanais com grandes nomes da música, preenchendo um pouco do vazio causado pela pandemia na casa das pessoas.

“Foi muito importante pra mim, foi um remédio, uma forma de não adoecer”, conta a cantora. No início, o que era para ser apenas uma live se transformou em uma série de encontros musicais. A experiência acabou inspirando outras pessoas a se reunirem em coletivo para trazer para o mundo – assim como ela – uma ação afetiva.

Motivados pelos encontros, surgiu Ô de Casas entre panos, fios e pontos, um projeto que reuniu bordadeiras e bordadores de todo o Brasil com um objetivo em comum: transpor para o palpável o que a música comunica por meio da melodia. Dois motivos foram os grandes mobilizadores para que Olinda Evangelista, Debora Pupo, Olga Durand e Rita Vaz criassem o projeto. O primeiro foi o encantamento com a proposta da cantora, que envolve a delicadeza das escolhas musicais, o respeito em relação ao cancionário brasileiro e seus ritmos e o refinamento na produção de um acervo histórico importante da música brasileira.

A segunda razão foi o reconhecimento da importância daquela iniciativa para criar momentos de sensibilidade que pudessem ajudar a suportar sentimentos negativos gerados pela circunstância pandêmica à qual o Estado vem submetendo o país. “Desse modo, resolvemos entrar na briga! Pensamos: quem sabe podemos também fazer algo que colabore para fecundar momentos de beleza e, simultaneamente, nos ajude a passar

por essa tragédia sem fenecer junto com ela”, conta Olinda. O que estava ao alcance – visto que as amigas têm o bordado em comum – era mobilizar pessoas que bordassem, que amassem música brasileira e que se dispusessem a entrar na ciranda com seus panos e linhas.

### É ALGO QUE NÃO DÁ PRA FAZER COM PRESSA

Da mesma forma com que o Ô de Casas só se tornou real a partir do envolvimento de muitas mãos, o projeto de bordados contou com o comprometimento de pessoas diversas, homens e mulheres, experientes ou não nessa arte, mas que tinham em comum a paixão pela arte musical e pelo têxtil. Somado a isso, eles enxergaram um paralelo entre música e bordado, atributo que muito interessa à Mônica.

“Muitas vezes falei de melodias como sendo bordados e rendas. Quando gravei uma música chamada ‘lábios que beijei’, composta por Orlando Silva, senti que a melodia dela parece um bordado. Acho que tem a ver com o nível de detalhe, tempo de feitura, paciência, é algo que não dá pra fazer com pressa”, conta a cantora.

Porém, mesmo com essa reflexão minuciosa investigando uma possível relação entre música e bordado, Mônica ainda não havia se deparado com um material como o que foi produzido pelo coletivo. “Foi um presente”, comemora. “Só de pensar em várias pessoas bordando, cada uma escolhendo uma música, fiquei muito emocionada com o convite”.

O processo de feitura dos bordados aconteceu paralelamente aos vídeos que a cantora postava diariamente no seu Instagram. Quando completou 121 encontros, foi surpreendida em sua casa com uma caixa grande, que continha todos esses mo-

Foto: Rita Isabel Vaz



**Bordado de Marilene Dandolini Raupp, Florianópolis, SC**

mentos registrados em fios, linhas e panos, além de outros presentes, como um bordado-retrato.

Antes de abrir a caixa, Mônica decidiu registrar o momento em vídeo, mesmo correndo o risco de “passar vexame, porque iria chorar com certeza”, lembra. O registro foi compartilhado em suas redes sociais, para que todos pudessem compartilhar do seu sentimento. “Não consigo imaginar um artista ter recebido um presente mais incrível do que esse na vida. Desde ouvir a música, pensar no desenho, como vai realizar e a própria realização. É muito tempo dedicado a uma ação de afeto, que vai muito além da arte. Não tenho palavras”, descreve.

Mônica tem uma conexão profunda com as atividades manuais. Sua casa no interior, onde está morando durante a pandemia, guarda muitas rendas de bilro, filé e bordados. Ela mesma também gosta de experimentar o contato com os fios – fez um curso com o grupo Matizes Dumond de bordado livre – e se aventura em algumas peças.

### COMO SE FOSSE UM MAPA DO BORDADO BRASILEIRO

A iniciativa do Ô de Casas entre panos, fios e pontos, ressalta a cantora, é um retorno humano, artístico e, sobretudo, de amor e de afeto. Alguns participantes aprenderam a bordar para poder participar do projeto, porque queriam fazer um dos bordados. Por outro lado, há profissionais que já têm personalidade artística e domínio da técnica. “É como se fosse um mapa do bordado brasileiro atual, são diferentes técnicas, pontos, materiais, é muito lindo”, observa a cantora.

Para Mônica, tanto o Ô de Casas quanto o seu desdobramento nas artes manuais, trazem à tona a importância da consciência de que somos um coletivo. “Acho que existe um lado

nessa experiência da pandemia que nós, por obrigação moral e em respeito às dores que o momento trouxe, não podemos nos dar o direito de não ganhar consciência. O quanto podemos nos ajudar, o quanto a arte pode nos salvar e nos curar emocionalmente. Temos que tomar consciência de que podemos viver de outra maneira. O Ô de Casas entre panos, fios e pontos é mais um braço que fortalece todo esse movimento”.

### ENTRE PANOS, FIOS E PONTOS – O INÍCIO

Tudo começou em julho de 2020, quando Olinda, Debora, Olga e Rita convidaram bordadeiras e bordadores que conheciam, e estes, convidaram outras pessoas, que chamaram outras. Depois de um prazo para inscrições voluntárias, foram reunidos mais de 140 mulheres e homens de 43 cidades, 10 estados e Distrito Federal.

“Há uma relação muito interessante de reciprocidade em que as pessoas aderem às propostas voluntariamente, sem qualquer relação com dinheiro, inclusive usando seus próprios materiais. Aderem por gostar da ideia, por gostar de bordar, para produzir arte, para bordar coletivamente. Esse é um ponto muito importante, pois projetos que juntam muitas mãos exigem um forte espírito coletivo, de cooperação e de desapego”, observa Olinda.

Assim como o projeto de Mônica Salmaso reúne uma memória importante do cancioneiro nacional, o Ô de Casas entre panos, fios e pontos registra o desenvolvimento do bordado livre no Brasil, oferecendo uma espécie de mapa do que tem sido feito em termos de pontos e de técnicas em cada canto do país. Olinda ressalta que, para as idealizadoras, o principal é o fato de que sem esse envolvimento das mãos musicais e dos fios, nada disso teria acontecido. “Razão pela qual não paramos de dizer muito obrigada a todas e todos que estiveram neste trabalho” ■

## Bordados aos quatro ventos

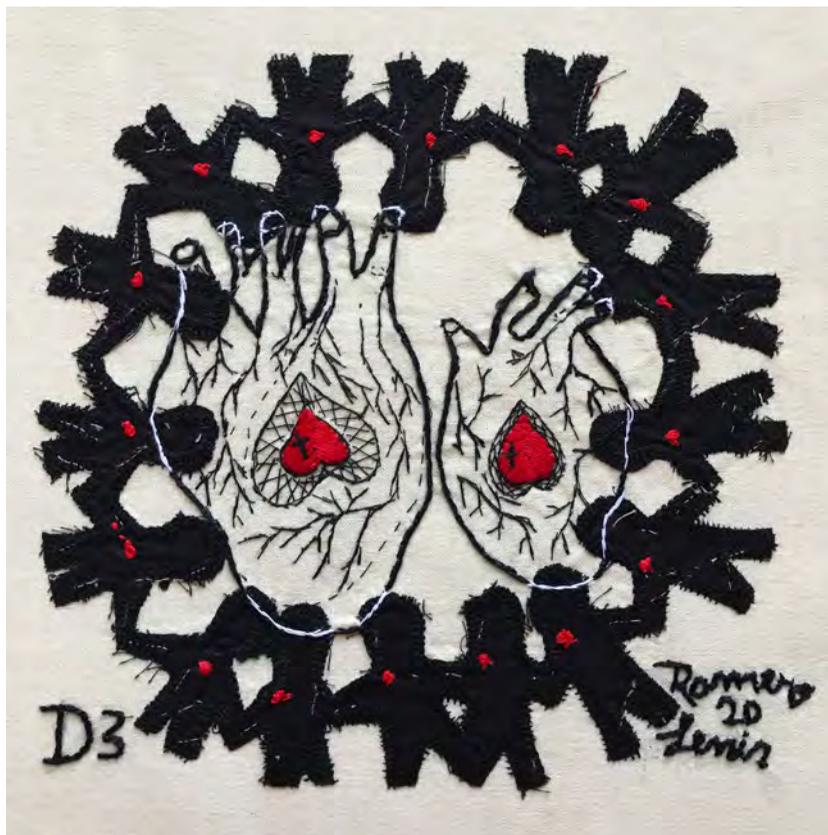


Foto: Rita Isabel Vaz

### MARIA ISABEL RUBIO PROSDOCIMI - OURINHOS/SP

**Música:** Diagnóstico, de Wilson Baptista e Germano Augusto

*Quando bordamos com o coração, supomos saber como começamos, mas nunca como irá terminar. Bordar “Diagnóstico” não foi diferente. O fio do bordado se conduziu, colorindo de azul minhas muitas, imensas e aprisionadas saudades. Aos poucos, bordá-las foi se transformando em leveza, boas sensações, abertura para novas lembranças e ressignificado de tantas histórias. Assim, o azul foi dando espaço para outras cores, outras histórias e outras saudades.*



**LENIR ROMERO**  
PORTO ALEGRE/RS

**Música:** Leilão, de Hekel Tavares e Joracy Camargo

No primeiro momento, o que me tocou foi a separação de dois corações de mãe e filho. Minha inspiração foi na dor desta perda, que pude expressar através do bordado e das linhas construídas, um tempo obscuro registrado na nossa história. Os dois corações invertidos no centro do bordado são de mãe e filho registrando esta dor em forma de arte, entrelaçando letra, música e fios que se tramam.



**VÂNIA BEATRIZ MONTEIRO DA SILVA - RECIFE/PE**

**Música:** Candeeiro, de Teresa Cristina

A canção me tocou como evocação por uma “guiança” – que a luz simbolizava – diante de uma inconsciência e de uma dor insolúvel. Senti que desejava dois elementos em interação... a notação musical da canção – com a nota Sol Maior ao centro como núcleo de um sol estilizado e cujo final encontra-se com o “banquinho, ervas, a moringa d’água e o cachimbo”, associados ao trabalho de cuidado pelas pessoas que canalizam as entidades Pretos Velhos.

**JENNIE RODRIGUES MANTEIGA**  
CAMPINAS/SP

**Música:** Saudações, de Egberto Gismonti e Paulo C. Pinheiros

Estávamos no auge da pandemia, tudo muito incerto, e essa música veio como uma esperança de que tudo ia passar, que a felicidade voltaria, que poderíamos comemorar com os amigos queridos, ao som de uma viola, poder dançar, abraçar, foi muito emocionante todo esse processo da criação. Me transporte para um mundo totalmente diferente do que estávamos vivendo na realidade.



**MURILO GENAZIO MAGALHÃES**  
FLORIANÓPOLIS/SC

**Música:** Moro na Roça (Clementina de Jesus)

Disposto a encarar o desafio de traduzir uma música através do bordado, fui presenteado com a música “Moro na Roça”. O envolvimento com este projeto, de certa forma, me elevava a uma dimensão do prazer, pela criação de algo novo, num momento em que vivia a experiência da finitude. A estas alturas, encontrava-me em um quarto de hospital acompanhando uma pessoa que vivia seus últimos dias. Nesse contexto, o olhar através da janela inspirou meu processo criativo. Como dizia Cecília Meireles, “tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino”.

